

## Investigar agindo: uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal

Elsa Lechner,  
Universidade de Coimbra, Portugal  
[elsalechner@ces.uc.pt](mailto:elsalechner@ces.uc.pt)

### Resumo

Este texto incide sobre uma pesquisa colaborativa realizada com imigrantes na cidade de Coimbra. Tratando-se de uma investigação científica que contou com a participação voluntária de imigrantes, este estudo consubstanciou uma investigação-participativa assente em saberes de experiência migratória. O formato colaborativo da pesquisa procurou uma coerência teórico-prática entre os pressupostos de uma ecologia de saberes aplicada ao estudo da imigração em Portugal, e o método das oficinas biográficas também apelidadas de rodas de histórias. Apresenta-se aqui o enquadramento teórico e epistemológico deste trabalho, discorrendo, em seguida, sobre os contributos substantivos do método das oficinas biográficas, ou o exercício de transformação do conhecimento experiencial em conhecimento científico que as mesmas permitem.

**Palavras-chave:** pesquisa biográfica, colaboração, imigração.

## Investigating through action: a biographical collaborative research conducted with immigrants in Portugal

### Abstract

This paper deals with a collaborative piece of research with immigrants in Coimbra. It is a scientific study in which volunteers participated through a participatory research methodology on the migration experience. The collaborative nature of the research aimed at getting a theoretical and practical coherence between the assumptions of a knowledge ecology applied to the study of immigrants in Portugal and the method of biographical workshops, also known as “rodas de histórias”. In this paper, the theoretical and epistemological framework is presented as well as the major contributions of the method of biographical workshops and the exercise of transformation of experiential knowledge into scientific knowledge.

**Keywords:** Biographical research, collaboration, immigration.

## A pesquisa biográfica colaborativa como investigação participativa através do estudo de saberes de experiência

Em 1995, Boaventura de Sousa Santos criou o conceito de “epistemologias do sul”, que permite identificar e nomear a diversidade epistemológica existente no mundo. Relegada para os bastidores da história aos olhos do “colonialismo epistémico”, essa diversidade foi sendo produzida como não existente pela racionalidade científica e técnica moderna. Santos equaciona essa produção de exclusão com as “linhas abissais” (Santos, 2007) que separam historicamente o norte do sul do planeta, construídas sobre os pilares que são o Direito e a Ciência na nossa cultura ocidental. Tais linhas abissais demarcam não apenas geografias e culturas díspares mas também relações entre colonizadores e colonizados (ontem e hoje), e uma hierarquização dos saberes diferentes. Para dar conta da diversidade epistemológica que existe *de facto*, Santos propõe uma “ecologia de saberes” (Santos, 2007) que reconheça os saberes “outros” diferentes dos “nossos”, e que, assim, permita uma interculturalidade cognitiva (Santos & Meneses, 2009).

Em grande sintonia com a teoria da “ecologia de saberes”, bem como alinhada com a ideia de uma epistemologia dos “outros” saberes, a nossa proposta de pesquisa biográfica para o estudo das migrações privilegia os saberes de experiência e a dimensão relacional do trabalho de investigação no terreno. Por isso mesmo consubstancia uma verdadeira ecologia de saberes para a qual muito contribui, de forma prática e concreta, o método específico das oficinas biográficas utilizado neste projeto.

É a valorização dos sujeitos *per se* que está na origem da creditação de saberes de experiência na corrente das histórias de vida em formação (Dominicé 1984, 1986; Finger, 1989; Josso, 1988). Sem termos espaço aqui para analisar as mudanças ocorridas na história da educação ocidental ao longo do século XX, há, no entanto, que referir esta alteração fundamental que se operou entre a aposta tradicional institucionalizada (e nacionalizada também) numa educação dos cidadãos (com *slogans* e ideologias claramente estabelecidos), e a abertura a uma educação com e para os cidadãos (mais diversificada). Os saberes de experiência, neste contexto, transformaram-se numa experiência nova de formação (Dewey, 1939), baseada na “biografia educativa” (Dominicé, 1982, 1984; Josso, 1986) ou na mediação biográfica da educação de adultos<sup>1</sup>.

Ter em conta (literalmente) os saberes de experiência (seja num percurso de acreditação pedagógica ou num projeto de investigação com participantes voluntários) implica, na prática, o contacto e entrada em relação com os sujeitos da experiência a relatar (que se tornam em sujeitos da experiência de um relato). Neste contacto e relação, são conhecidos e dados a conhecer os ingredientes da experiência em questão. São eles as vivências relatadas, o relato em si mesmo, a memória dos acontecimentos, e os efeitos das primeiras (as vivências) e do segundo (o relato) sobre o narrador: percepção, consciência, incorporação, apropriação maior ou menor do discurso e linguagem (quando não mesmo língua, sobretudo no caso dos migrantes) utilizados. Podemos associar esta última (a apropriação) à presença, mas todos os ingredientes e fatores elencados traduzem, como se vê, a importância do corpo e da corporeidade nos saberes de experiência. E nesta importante dimensão cabe a performatividade da existência, dos atos comunicacionais, bem como a encenação (consciente e inconsciente) dos eventos e interações sociais. Assim como a língua nos fala tanto quanto nós a falamos (como defende a psicanálise), também o corpo e os gestos nos movem tanto quanto nós os movemos. Isto significa que também à escala de cada existência há, pois, sombras e ângulos mortos de conhecimento.

A nossa postura corpo-a-corpo no terreno do estudo das migrações é consciente dos desafios colocados à investigação pelo carácter institucional de alguns diálogos com representantes de serviços públicos, e pela natureza social e subjetiva dos encontros (mais numerosos do que os desencontros) com interlocutores que, por definição, se encontram numa posição de maior fragilidade estatutária. Mas, tal como alerta Daniel Bertaux, a propósito das posições relativas e estatutos institucionais dos diversos intervenientes nos terrenos de pesquisa, a *diferencialidade* (Bertaux 2010, pp. 35-37) da nossa equipa de investigação foi particularmente adequada ao nosso campo de estudo. De facto, não só cada membro da equipa pertencia a uma disciplina diferente, assim dando conta simultaneamente de vários aspetos da imigração em Portugal, como a grande maioria dos colegas teve ou tem uma experiência de mobilidade internacional que nos ajudou a colocar no “lugar do outro”. Não é por se ser universitário que a vivência da estranheza, o confronto cultural, ou mesmo a discriminação, deixam de existir. Mesmo o estatuto legal de alguns dos colegas da equipa, em Portugal ou noutros

países onde já viveram, se confundiu por momentos com o de participantes da pesquisa.

Diversos estatutos legais, sociais, profissionais, juntamente com diferenças culturais, competências linguísticas, e referências simbólicas, marcam fronteiras entre investigadores e participantes. Mas a intenção de levar a cabo uma pesquisa partilhada que reconhece, valida e valoriza os testemunhos dos imigrantes (Lechner 2009b, p. 91), corrobora menos as desigualdades de partida e assume as diferenças como fonte de conhecimento. Na verdade, a pesquisa colaborativa, como este texto tenta mostrar, põe em cena os diversos parceiros de interação a trabalhar “por dentro”, e de forma explicitada, as suas diferenças e similitudes. No hiato das tangências impossíveis entre pessoas diferentes (religiões, línguas, valores) – **quando devidamente identificado e nomeado em conjunto** –, tecem-se paradoxalmente as pontes de comunicação entre os respetivos mundos distantes. Mais do que isso, faz-se a experiência (rara, na vida quotidiana das relações entre classes e grupos culturais distintos) do respeito pela diferença, por vezes radical. Para tal, é preciso ter vontade de conhecer o diferente, pôr em causa as nossas próprias posições, e querer agir em conjunto. Sem esta vontade mútua, não há pesquisa colaborativa.

É a essa palavra dos sujeitos sobre as suas experiências de vida que recorrem, de diferentes maneiras, as correntes de estudo biográfico no seio de várias disciplinas sociais<sup>2</sup>. A primeira foi a sociologia qualitativa da Escola de Chicago nos anos 1920 iniciada por William Thomas e Florian Znaniecki com um trabalho em cinco volumes sobre os imigrantes polacos em Chicago (1918-1920); mais tarde a sociologia desenvolvida em França e em Itália nos anos 1970/80 (Bertaux 1976, 1981; Ferrarotti 1981; Catani & Mazé 1982; Bourdieu 1986, 1993; Gaulejac, 1992), bem como a corrente das histórias de vida em formação, na área da educação de adultos, em ação nos dois lados do atlântico a partir dos anos 1980 (Pineau 1983; Nóvoa e Finger 1988; Dominicé 1990; Josso 1991; Delory-Momberger, 2004; entre outros). Os usos antropológicos de biografias ao longo do século XX, como bem mostra Brian O’Neill (2009), sempre estiveram presentes, tanto na Europa como nos EUA, mas o seu estatuto metodológico na disciplina sempre foi oscilante. Os usos que se fazem do estudo biográfico dependeram historicamente, assim se vê, de posicionamentos teórico-metodológicos específicos às tendências das disciplinas em contextos temporais e geográficos diferentes.

Na senda da construção de um campo de pesquisa biográfica transversal a todas estas disciplinas, o trabalho de Delory-Momberger e de Ferrarotti afigura-se particularmente edificante. No clássico volume editado por Bertaux em 1981, Ferrarotti contribui com um texto sobre a autonomia do método biográfico na sociologia no qual legitima o valor heurístico dos relatos biográficos e defende o seu carácter totalizante. Para o sociólogo italiano, inspirado pelo existencialismo de Sartre, o individual e o coletivo interagem inevitavelmente, constituindo, assim, uma *praxis sintética* entre as experiências singulares dos fenómenos sociais e os contextos coletivos em que os mesmos ocorrem. Para dar conta desse núcleo de interseção, o método biográfico afigura-se o mais adequado. Ele permite não só prestar atenção às experiências concretas dos atores sociais (ao se interessar pelos testemunhos privados), como considerá-los sujeitos de história e autores de possíveis versões criativas das identidades sociais. Ferrarotti apelidou este trabalho de “polo clínico” da análise social, fazendo reconhecer a importância de assumir as subjetividades e intersubjetividades no terreno e estabelecendo uma diferença fundamental com as posturas mais positivistas: o estudo do biográfico como objeto social não pretende estabelecer leis e apontar para tendências (visão nomotética), antes visa a compreensão das formas de representação social dos sujeitos em interação (visão ideográfica). Para o sociólogo italiano este reconhecimento da “ciência da incerteza” (Ferrarotti, 2005) que é a sociologia qualitativa, não só não corresponde a um aparente erro ou deslegitimação do saber por ela produzido, como é menos utópico do que a crença na objetividade imaculada das “ciências duras”. A própria ciência é uma construção humana e, na nossa era, segundo o autor, estamos perante uma pós-disciplinaridade que não deve constituir fonte de angústias, antes merece ser assumida na análise das nossas sociedades complexas.

Cerca de vinte anos depois deste ousado contributo do professor de Roma, foi a vez de Delory-Momberger – vinda dos estudos literários românicos e germânicos –, trazer para a edificação da pesquisa biográfica uma obra de referência fundamental: o seu livro *Les histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation* (2000, segunda edição em 2004) que traça a genealogia dos estudos biográficos nas diversas áreas das humanidades e ciências sociais. Nesta obra, Delory-Momberger dá conta, de forma muito sólida, das várias fases de interesse pelo biográfico no mundo ocidental, tanto em

diferentes mundos sociais (técnicas de si, teografias e hagiografias, confissões, crónicas, nascimento da autobiografia moderna, romances existenciais), como no mundo académico e da produção de conhecimento científico (estudos literários, ciências sociais, ciências da educação). A “injunção biográfica” veio para ficar longo tempo na cultura ocidental, e ainda não desapareceu dos nossos horizontes de análise social. As bases históricas do entendimento deste traço sociológico e antropológico da nossa cultura foram, mais recentemente, complementadas por outras obras da mesma autora sobre biografia e socialização (Delory-Momberger, 2003) e sobre “a condição biográfica” (Delory-Momberger, 2009). As transformações sociais dos últimos quarenta anos, pelo menos, alteraram os modos de vida tradicionais e produziram novas relações entre os indivíduos e a sociedade. Nesse contexto, a biografia, bem como o ato de se biografar (os processos de biografização), tornaram-se simultaneamente processos de construção individual e elementos determinantes de produção da esfera social (Delory-Momberger, 2009, p. 13). Nomeadamente, na era do digital, acrescente-se, o biográfico ganha um rosto público acessível a um número crescente e anónimo de potenciais autores, utilizadores das redes sociais, para além do acrescido número de possíveis leitores no espaço virtual.

### **Contributos substantivos do método das oficinas biográficas ou o exercício de transformação do conhecimento experiencial em conhecimento científico**

Diferentes contextos produzem diferentes “textos”, fazendo com que a análise dos relatos biográficos seja concomitante à análise dos seus espaços de enunciação e receção: quem diz o quê, a quem, como, porquê? Com que intencionalidade? E finalidade?

Estas perguntas, como se vê, desdobram o estudo dos contextos de enunciação dos relatos de experiência no sentido do estudo das relações que se estabelecem entre quem conta e quem ouve. No caso que aqui nos ocupa da pesquisa colaborativa com narrativas biográficas de imigrantes, estamos perante uma investigação que age diretamente na desconstrução de estereótipos e preconceitos dentro das rodas, e graças a elas. Qualquer estudo biográfico com imigrantes participantes em oficinas biográficas ou rodas de histórias tem um efeito transformador de todos os

intervenientes. Neste sentido, a palavra dada aos saberes de experiência dos sujeitos participantes não consiste apenas num relato sobre a experiência vivida, mas ainda numa transformação da própria experiência: a de se ser imigrante num determinado contexto caracterizado pela invisibilidade e o silenciamento, para se passar a ser um imigrante participante de uma pesquisa e, no caso dos membros da equipa de investigação, a de se ser pesquisador na torre de marfim da universidade/estatuto no terreno, para passar a ser pesquisador em partilha de diferentes saberes nesse mesmo terreno com os participantes no projeto.

A pesquisa biográfica definida como pesquisa existencial das relações sociais e construção de sentidos a partir de factos temporais vividos na primeira pessoa implica um processo de expressão da experiência; analisa saberes de experiência. E tanto a expressão como a análise das experiências biográficas agem sobre a auto percepção dos participantes, bem como na percepção dos outros quando os relatos são produzidos em grupo. Alargada aos seus vários aspetos formais (como grafia ou representação oral, visual, expressiva), dimensões substantivas (histórica, cultural, social, política), e questões técnicas/estéticas (forma como as experiências são comunicadas), a pesquisa biográfica apresenta múltiplas possibilidades de análise dos mundos sociais que os relatos traduzem. Pode analisar factos históricos, contextos migratórios, relações geopolíticas, relações de género, discursos institucionais e mediáticos, representações sobre algo ou alguém, ações políticas e adaptação de legislação à realidade das pessoas, a performatividade dos relatos biográficos e relações de poder no ato de relatar e analisar os testemunhos biográficos. Do lado dos pesquisadores promotores do estudo biográfico, ela requer ainda uma reflexão sobre as dimensões moral, ética e política dos fins a que se propõe e dos meios a que recorre. Por isso mesmo, a problemática teórica do estudo sobre imigração, bem como a vigilância metodológica sobre os procedimentos colaborativos adotados nesta pesquisa, não se encontram isoladas de um posicionamento público nosso que assume querer dar visibilidade a versões não oficiais da imigração em Portugal. Os saberes de experiência dos nossos interlocutores-participantes têm e contêm, precisamente, esse relevo coletivo. Porque assim é, o método das oficinas biográficas funciona como uma teoria processual adjacente coerente à teoria-quadro enunciada pelo projeto (Ecologia de saberes). E nesse sentido

de uma teoria da prática concreta resolve “a latitude problemática” analisada por Idalina Conde nos estudos biográficos (Conde, 1993).

A grande especificidade metodológica do projeto aqui em consideração reside na recolha e análise de narrativas biográficas produzidas em oficinas biográficas ou rodas de histórias. Tal como foram aplicadas nesta investigação, as oficinas correspondem a um método que criei a partir das referências teóricas e práticas que recolhi, a partir do início dos anos 2000, junto de Danis Bois e Jeanne-Marie Rugira (2006), Marie-Christine Josso (1991, 2002) e Christine Delory-Momberger (2006). Trata-se de estudar a imigração a partir dos relatos de participantes voluntários que aceitam socializar em grupo as suas experiências e narrativas biográficas. Tendo em conta a ancoragem corporal e emocional das experiências de vida, parti do trabalho da psicopedagogia perceptiva proposta por Danis Bois para desenhar o protocolo das oficinas descrito num artigo de 2012 (Lechner, 2012). Porque a escuta é tão importante nestas rodas como a palavra, cada oficina começa com um exercício de escuta promovido no início de cada dia com os participantes do projeto (idealmente cada oficina dura três dias com um grupo de dez pessoas). O formato circular (daí também o termo alternativo de roda de histórias) foi adotado da metáfora da *arbre à palabre* sugerida por Jeanne-Marie Rugira num seminário frequentado na Universidade de Paris 8, em 2004<sup>3</sup>; e a análise de relatos biográficos em grupo inspirou-se nos trabalhos de Marie-Christine Josso e de Christine Delory-Momberger com adultos em formação. Combinando elementos teóricos e epistemológicos dos trabalhos deste autor e autoras e formador/as, foi possível imaginar um *atelier* biográfico que, em português, numa tradução literal, se passou a chamar de oficina biográfica. Num primeiro exercício realizado em 2006 com alunos da Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, coordenada pelo Professor Elizeu Clementino de Souza no âmbito do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), foi posta em prática uma oficina biográfica focada nos projetos de pesquisa em curso. Depois desta experiência relatada num artigo publicado na *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Lechner, 2009a, pp. 8-53), foi possível realizar uma outra oficina num curso de formação avançada, já no CES – Centro de Estudos Sociais, em 2010<sup>4</sup>. Foi na preparação da candidatura do projeto FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, aqui em consideração<sup>5</sup>, que desenhei o



método das oficinas para o estudo e análise do tema da imigração. Neste projeto em particular, as oficinas concretizam o ideal de estudar a imigração com imigrantes e não apenas sobre ele/as, permitindo explorar a dimensão colaborativa do trabalho biográfico realizado com grupos e, conseqüentemente, produzindo um saber-poderação na esfera da transformação social. Criando o tempo e o espaço de uma escuta e partilha extra quotidianas (Bois & Rugira, 2006), entre participantes voluntários da pesquisa e equipa de investigação, não só inauguramos uma relação instauradora (Lechner, 2009b) de diálogo entre diferentes, como propomos identificar, nomear e rever as respetivas posições de sujeito no terreno. Decerto, aprendemos uns com os outros e não saímos iguais dessa relação mesmo na assimetria. Não é só a imigração como tema que sai nutrida da oficina, é também a experiência das relações sociais entre pesquisadores e pesquisados que fica transformada depois do trabalho em roda.

Apesar de também termos efetuado entrevistas individuais, desenvolvemos neste estudo sobretudo oficinas ou rodas de histórias, nas quais trabalhamos colaborativamente com participantes voluntários do projeto de pesquisa. Eles e elas aceitaram contar as suas experiências de imigração em Portugal, autorizando a sua divulgação e coconstruindo com a equipa conhecimento útil aos estudos migratórios.

Os condicionalismos formais e institucionais dos métodos biográficos e colaborativos não foram nunca postos de parte ou negligenciados na nossa reflexão. Nem antes, nem durante, nem depois das rodas. Mas assim como estas considerações avisadas permitiram identificar, com maior precisão, as fronteiras entre o possível e o impossível no terreno de interação com os participantes (reciprocidades assimétricas, impossibilidades narrativas, discursos de identificação/desidentificação), elas também levaram à permeabilização dessas mesmas fronteiras ao optarmos por tomar em consideração esses limites como potencialidades. Neste ponto exato dos limites como potencialidades, tornou-se uma evidência o efeito cumulativo e complementar do recurso a meios audiovisuais na nossa metodologia. De facto, ao termos disponíveis todas as oficinas, em suporte fílmico com som, podemos ver e mostrar o que se passou nas rodas mais para além do que as palavras ditas e caladas aí enunciaram. Se uma filmagem sempre condiciona quem é filmado ao sabê-lo, ela também capta aquilo que cada um/a não sabe ou não pode esconder. E porque as oficinas duraram três dias

inteiros de trabalho em grupo, mais familiarizadas as pessoas se sentiram com as câmaras e equipa técnica na sala. Mas independentemente de todos os prós e contras destas filmagens, sempre foi claro para nós que o que se apresentava à nossa análise era o que era para tratar. Numa perspetiva émica e fenomenológica do trabalho, adotámos conscientemente a postura já defendida por William Thomas nos anos 1920: “Se os homens percebem certas situações como reais, elas serão reais nas suas consequências” (W. Thomas; Dorothy S. Thomas, *The Child in America*, 1928, apud Bertaux 2010, p. 35). E mais para lá do pacto autobiográfico, preconizado por Philippe Lejeune, “eu, autobiógrafo, concordo em dizer a verdade e tu, leitor, concordas em aceitar o que eu digo como fidedigno” (Lejeune, 1996), então, optámos por um pacto heterobiográfico. Aqui, o que é narrado como experiência da imigração é ouvido e recebido como uma versão coletiva, desde logo porque produzida em grupo e porque consciente da dimensão social das questões e temas partilhados. Os participantes também sabiam que estavam a produzir narrativas sobre um tema da “especialidade” dos membros da equipa, razão pela qual a sua consciência do carácter coletivo dos seus testemunhos individuais se associou ainda a uma noção de verificação de muitos dos factos enunciados. De qualquer forma, as rodas não partiram nem partem do princípio de que os voluntários participam para contar mentiras ou histórias imaginadas. E se assim o fizessem, estariam a quebrar o pacto heterobiográfico. Num caso desses, a responsabilidade moral seria sua, a obrigação analítica nossa<sup>6</sup>.

As oficinas biográficas criaram espaços e tempos de enunciação, escuta atenta e ressonância<sup>7</sup> das histórias e narrativas de cada um/a. Precisamente porque cada participante toma a palavra e ouve as dos demais presentes, e porque cada narratário é convidado a oferecer a sua ressonância da história acabada de ouvir, é que as oficinas demoram tempo. O formato circular funciona como espaço de diálogo menos hierarquizado na disposição dos corpos, e equidistante para cada participante em relação ao tema comum de partilha, colocado no centro das atenções. A partir do seu lugar, cada um tem também uma perspetiva única sobre o tema colocado no centro da roda. Neste projeto tratou-se de contar e ouvir as experiências de imigração de cada voluntário/a, acrescentando as ressonâncias de todos os ouvintes de cada história (como cada um/a ouviu a história do/a outro/a), e identificando em conjunto os

subtemas revelados. Os efeitos das rodas são exponenciais, pois os temas comuns partilhados tomam corpo e espessura muito para além da experiência singular de cada um. Aqui, o individual está no coletivo, tanto quanto o coletivo se encontra e reside no individual. A participação nas rodas, aliás, traz essa consciência aos participantes: da “minha história não tem interesse...” ou de “pensava que era só comigo...”, passa-se à experiência do partilhado, valorizado e reconhecido. Ao serem nutridos pelo grupo, os subtemas da imigração, como o racismo, discriminação, exploração no trabalho, vulnerabilidade perante o Estado, etc., são percebidos como temas comuns por cada um dos participantes. E cada um vê-se também contribuir para a validação da experiência do outro. É claro que esta nunca foi só uma experiência isolada, mesmo que possa ter sido (e é muitas vezes) vivida de forma solitária pelos migrantes. Mas é na socialização dos relatos e no tempo comum das oficinas que estes vivenciam a carga social e política dos seus testemunhos. As rodas produzem um efeito de refração dos temas socializados (como a refração da luz na água). A propagação da informação faz-se, nesta refração, pelos diversos participantes da roda, pois todos oferecem o seu eco, a partir das suas experiências concretas, referente a cada subtema em pauta. Neste sentido, o método das oficinas biográficas põe em prática um dispositivo paradigmático de ecologia de saberes no qual, não apenas é possível conhecer o saber do “outro”, como se socializa o poder de construir conhecimento em conjunto: as ressonâncias ou refrações temáticas dão corpo ao edifício de um saber comum.

Só por si, as narrativas biográficas apresentam múltiplas dimensões de análise: linguística, performativa, mnemónica, biopolítica. Mas, uma vez partilhadas em oficinas, mostram-se ainda sociopolíticas e históricas, tendo em conta que permitem identificar questões coletivas da maior importância para cada um e para a sociedade; possibilitam nomear lacunas e falhas na justiça do Estado (muitas vezes guardadas em silêncio ou resignado sofrimento); viabilizam novos significados e novas posturas dos imigrantes no espaço público e privado. Este último não é menos importante, se quisermos reconhecer que também nas emoções e na autoperceção, os sujeitos se podem negar a si próprios uma relevância que têm e que é coletiva.

Tal como descrito no artigo de apresentação das oficinas biográficas (Lechner, 2012), os relatos biográficos dos participantes constituem-se como:

- 1) Atos de linguagem – produzem-se no tempo e no espaço de uma enunciação particular; são transitórios, moventes, vivos e reconfiguram-se no presente do momento em que são enunciados. Nunca são de uma vez por todas. Reconstroem o sentido das experiências vividas. Traduzem identidades narrativas (Ricoeur, 1983);
- 2) Atos performativos – fazem dos narradores os sujeitos/personagens da sua história privada. Fazem dos narratários os sujeitos de uma história partilhada na qual se distinguem mais claramente as proximidades e diferenças, aspetos comuns e não comuns das identidades. Fazem da partilha uma fonte de saber que evidencia o papel do corpo na experiência de vida e na narração. Colocam o corpo no campo de compreensão das experiências vividas e do saber produzido (o corpo arquivo de memórias, lugar de experiência, lugar de expressão ou silenciamento, lugar de resistência e de criatividade ou reivindicação identitária e ou de direitos);
- 3) Atos de memória – tecem os acontecimentos vividos com os fios do agora, (re)constroem uma história vivida no passado, constroem uma congruência entre o presente e o passado, constroem uma imagem ou figura do sujeito que se reapropria de si e redefine uma nova identidade. Constroem pontes de projeção no futuro (sujeito-projeto);
- 4) Atos biopolíticos – traduzem, na prática, o conceito forjado e analisado por Michel Foucault (1976, 1978-79) de biopolítica, que designa um poder sobre a vida confrontado com o poder da vida. Uma dimensão deste poder da vida é a competência reflexiva dos sujeitos que, no caso da biopolítica da imigração, lhes permite levar a conhecer os próprios direitos (de cidadania e humanos) e contextos sociopolíticos de existência, muitas vezes desconhecidos ou mal conhecidos. As narrativas biográficas traduzem ainda, neste campo, formas de resistência a regimes políticos ou discursivos dominantes, traduzem uma visão entre outras da história, produzem formas de conhecimento não hegemónicas e formas de reconhecimento público das experiências dos migrantes.

As oficinas tornam-se, assim, um quadro de compreensão e de ação sobre a aprendizagem e o saber, vocacionado para um diálogo efetivo entre os sujeitos participantes, na diversidade e na reflexividade. O estatuto e o uso da narrativa autobiográfica no contexto migratório, neste quadro, revelam o peso do abismo que existe entre as experiências concretas de pessoas em carne e osso e os discursos normativos, oficiais e institucionalizados. Nas oficinas, cada um/a produz o seu relato autobiográfico de migração, verificando-se o que todos os trabalhos da corrente das histórias de vida em formação constataam: o poder formador e transformador destes

relatos (Pineau 1983, 1989, 2006; Josso, 2002). Também identificámos os efeitos de validação, valorização e emancipação dos relatos partilhados. Cada um/a sai da sua solidão, conhece outras histórias, partilha a sua experiência, o que só por si revela um potencial transformador das relações sociais neste microcosmos criado nas oficinas. Sobretudo no que diz respeito ao conhecimento dos estereótipos (seu funcionamento e clara insuficiência para explicar as identidades e relações interculturais), as oficinas são altamente poderosas. Na verdade, os participantes nelas denunciam os resultados indesejados desses estereótipos (ex.: “a mulher brasileira”, “os chineses”, “os africanos”), as vivências concretas dessas projeções e mesmo introjeções (quando o estereótipo é incorporado ou assumido), para depois as desconstruírem em grupo, mais ou menos espontaneamente. Portanto, o individual mostra-se coletivo também no trabalho de desconstrução de etiquetas que as oficinas permitem. Tal facto consubstancia os efeitos sociopolíticos e históricos das narrativas partilhadas em grupo: é possível ser imigrante e conviver entre diferentes sem reproduzir estereótipos e discriminações sobre si próprio e sobre os outros...

A miríade de histórias e estórias que os migrantes participantes deste projeto connosco partilharam guiaram o nosso trabalho no sentido do conhecimento direto dos seus saberes “incorporados” (Haraway, 1988). Estes não só foram socializados nos grupos criados entre membros da equipa e participantes voluntários ao longo da pesquisa, como permitiram fazer a experiência no próprio contexto da investigação de uma socialização do poder de produzir conhecimento público, pouco comum nas sociedades de acolhimento, se não mesmo na sociedade em geral. Neste sentido, a partilha de saberes de experiência no âmbito deste projeto, pôs em cena nos espaços e tempos por nós criados, o raro diálogo entre duas ordens de saber diferentes norteadas pelo propósito acordado entre as partes de produzir em conjunto conhecimento útil ao “bem comum”.

Os migrantes com quem trabalhamos neste projeto trouxeram os seus saberes de experiência à nossa análise interessada pelas sombras, contrapontos, e versões não oficiais da imigração em Portugal. Não é apenas a *vida nua* que constitui objeto paradigmático de uma “epistemologia das sombras” na necessária análise da política europeia de imigração, da defesa efetiva dos direitos humanos destes migrantes, ou das

relações históricas e políticas entre os países de origem e de destino destas pessoas. É também a vida desconhecida, estigmatizada, quando não desprezada, dos imigrantes nos chamados países de acolhimento, que desafia uma análise corajosa das zonas de sombra entre “estrangeiros” e “nacionais”.

Os exemplos oferecidos pela nossa pesquisa são muitos. Adaptando-nos ao espaço deste artigo, apresentamos um que nos parece particularmente relevante: a discriminação e xenofobia.

### **Um exemplo**

Foi logo na primeira oficina, realizada em Julho de 2012, com um grupo de estudantes estrangeiros da universidade de Coimbra (primeiros voluntários disponíveis), que surgiram testemunhos de experiências de discriminação e racismo junto de serviços do Estado, contrastantes com o mito da tolerância e de “não racismo” que algum discurso institucional e do senso comum associam “ao modo português de estar no mundo”. Ao longo das demais oficinas e entrevistas com responsáveis de serviços estatais locais de apoio a imigrantes, recolhemos igualmente depoimentos elucidativos desse contraste (que não podemos, no entanto, aqui tratar).

O primeiro grupo era composto por duas estudantes de mestrado, uma chinesa e outra ucraniana, dois estudantes de doutoramento, brasileira e cabo-verdiano, e uma jovem arquiteta argentina vinda do Canadá (para onde seus pais haviam emigrado nos anos 1990). Temos autorização formal de todos para citar os seus nomes e mostrar os seus rostos que ficaram gravados nas muitas horas de filmagem e nas fotos do projeto. No início da oficina, um dos participantes pediu para não ser filmado mas depois, ao perceber a relevância cívica do seu testemunho, aceitou dar publicamente a cara, o nome, e a voz ao seu relato.

Por ocasião da leitura em voz alta do exercício de escrita autobiográfica proposto ao grupo (noutros grupos onde nem todos eram letrados foram produzidas narrativas orais), a partir do mote “Eu vim para Portugal”, Bernardino queixou-se de um tratamento racista por parte dos funcionários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e o seu relato levou aos comentários das demais participantes que corroboraram

a sua experiência.

Rosana, carioca, comentou:

[...] Bem, a minha experiência é um pouco semelhante com a do Bernardino. Se eu disser, com todo o cuidado, que a componente racismo não existe, eu não vou estar sendo honesta – existe. Até porque é o racismo básico, estou falando do racismo básico.

Interpelada por Sofia, de nacionalidade argentina, Rosana explica o que entende por racismo básico:

[...] Racismo básico... a cor da pele, a aparência. Esse é o racismo básico. Francamente, eu nem sei se é um conceito, se eu estiver a dizer alguma bobagem... mas é o racismo básico, é o que se vê, é o estereótipo, é “não aceito a sua imagem, não aceito a sua origem pela imagem que apresentas”, por exemplo. E tem toda uma carga histórica para isso. E a frase que ele diz “algumas pessoas estão atrasadas no tempo” é porque algumas pessoas estão ideologicamente hierarquizadas e comprometidas e sedimentadas nessas tais relações históricas. Que já vivemos outro tempo e que já temos aí vários programas e discursos para superar essas tais hierarquias.

A este propósito Cristina, de Shangai, acrescenta:

[...] A experiência do Bernardino mostrou claramente que o que está debaixo dessa aparente maçada da burocracia é a xenofobia e o racismo. Não tenho dúvida nenhuma. E eu sei claramente o que é isto porque eu também, eu sou asiática, sou chinesa, e todos os dias eu tenho que lidar com, eu já não digo... desde insultos diretos e indiretos aos olhares... tudo e mais alguma coisa. Os comentários mais comuns – eu vou só citar alguns exemplos - eu não tenho medo de falar sobre isso porque alguém tem que desmascarar esse mito de inexistência do racismo cá em Portugal. As coisas comuns: ah, você não é amarela! Você é morena!

Este tema desdobrou-se ao longo desta roda nas várias experiências conexas de cada participante. Cristina desenvolveu ainda a questão de género e das representações sobre os chineses em Portugal que outras participantes completaram com vivências semelhantes (nos táxis, em cafés, nas relações amorosas e familiares). A palavra discriminação tornou-se, posteriormente, um dos assuntos escolhidos pelo grupo para um segundo exercício de escrita biográfica. Calhou a Veronika, ucraniana, discorrer sobre discriminação, introduzindo uma diferença à luz do seu fenótipo. Veronika é loira, muito branca e de olhos claros.

Nas ramificações sub-temáticas dos depoimentos (género, classe social, nível de formação dos requerentes de autorização de residência e dos administrativos nacionais), pudemos identificar uma questão de escala e de intensidade nas expressões de experiências de discriminação, racismo e xenofobia. Na diferença de cada testemunho é óbvia a relação entre um posicionamento mais ou menos crítico e a

pertença étnica de cada narrador. O caso de Cristina Zhou assim bem o demonstra no seguimento do que acabámos de analisar:

[...] Não sei. Mas eu tenho pena, porque em Portugal há bastante calor humano, eu também sinto muito calor humano, as pessoas são simpáticas, posso falar sem problema nenhum com uma pessoa desconhecida, por exemplo, mas, por outro lado, há tanta xenofobia, tanto racismo... Eu mal consigo compreender este contraste, não consigo. E quando eu estou sozinha, pronto é uma coisa, depois quando estou com o meu namorado é outra coisa, eu sinto muito mais agressão quando eu estou com ele, tanto das mulheres como dos homens, e pronto. E pronto, com a experiência, não é, consegui ter uma capacidade de não olhar, eu olho para a frente, olho para alguma coisa ao fundo e não ligo aos olhares das pessoas e assim estou mais à vontade, e o meu namorado, coitado, ainda não conseguiu olhar assim e pronto vamos ver com o tempo.

Cristina é chinesa e tem um namorado português cuja família não aceita o relacionamento dos dois. No seu depoimento mais longo, Cristina falou do racismo que sente na rua, nos olhares e comentários das pessoas, nos comércios, nos transportes públicos e na universidade. Assim, apesar de mencionar o calor humano que sente em Portugal, é bem clara quanto ao racismo e xenofobia dos portugueses. O seu caso traz ainda um elemento extra a considerar: a exacerbação ou maior evidência do racismo perante os casais interétnicos, como o seu.

Este racismo é manifestado tanto de fora para dentro do casal, na rua, no seio das famílias dos nacionais, como entre o casal. O caso de Rosana inclui as duas situações:

[...] Este tema conduz-me a relatar e a rememorar uma experiência que tive no âmbito das relações pessoais, mas que me fez perceber, de fato, como para algumas pessoas da sociedade portuguesa, o relacionamento entre pessoas de nacionalidade diferente não é bem visto. E como tal posicionamento torna-se determinante para ocasionar discriminações e más atitudes dos homens portugueses em relação às mulheres estrangeiras. Após quinze dias chegada a Portugal, conheci um rapaz português, recém-formado em engenharia civil que tinha nascido em França onde morou até aos 17 anos de idade. (...) Conhecemo-nos na festa da latada dos estudantes de Coimbra, nos apaixonamos um pelo outro numa semana e logo na segunda semana comecei a perceber uma insistência no tratamento a minha pessoa, muito marcado pelo fato de eu ser brasileira, com uma repetição muito frequente da parte dele quando estava diante dos amigos em dizer que eu era brasileira, do Rio de Janeiro, da cidade do carnaval e que só poderia ser moderna. [...] Quando estávamos juntos nunca saíamos para lugares públicos e quando íamos almoçar ou jantar era em restaurantes em lugares mais recatados e eu passei a questionar e ele dizia que não valia a pena estarmos a nos mostrar juntos porque ele não estava comigo todos os dias e também porque ele só iria pensar se nós seríamos mesmo namorados assumidos publicamente quando eu concluísse o meu mestrado e logo se via. Agüentei essa postura com bastante incómodo por dez meses até que tivemos uma conversa clara sobre a nossa situação e ele disse-me que gostava muito de mim, de estar comigo e que eu era a mulher que mais o havia encantado na vida, mas que ele sabia que eu seria algo



proibido para ele e que a família dele não iria aceitar que ele namorasse e se casasse com uma brasileira, porque inclusive os pais dele não permitiram que a irmã dele mais velha se casasse com um namorado que ela tinha em França, e por conta disso eles apressaram o seu retorno de França para Portugal e também porque duas mulheres da sua família tinham sido “deixadas” pelos maridos “por causa de mulheres brasileiras”.

Neste caso estamos perante uma introjeção do estereótipo por parte do namorado português que, apesar de estar apaixonado, não conseguiu enfrentar a rejeição da sua família e meio envolvente. Este facto é tanto mais relevante, quando sabemos que o próprio foi emigrante português em França, país onde apenas recentemente se iniciou um processo de revisitação crítica dos estereótipos associados aos portugueses<sup>8</sup>. Este filho da emigração portuguesa não pode viver o seu amor com Rosana por ela ser estrangeira, brasileira e negra, causas da aversão manifestada pela família, apesar da sua própria experiência de ser família portuguesa em França.

### **Conclusão**

Referindo-se a um projeto de pesquisa colaborativa realizada com imigrantes na cidade de Coimbra, o presente texto enquadra a respetiva investigação-ação na teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos em articulação com a pesquisa biográfica emancipatória assente em saberes de experiência. É analisada a coerência teórico-prática entre o formato colaborativo da pesquisa efetuada com recurso a oficinas biográficas ou rodas de histórias de imigração e os pressupostos epistemológicos e teóricos da ecologia de saberes. Assente nos saberes de experiência migratória partilhados nas rodas pelos participantes do projeto em questão, esta pesquisa agiu diretamente na desconstrução de estereótipos e ideias e discursos dominantes sobre a imigração e os imigrantes em Portugal. Desta forma permitiu também o conhecimento “por dentro” dos mecanismos de exclusão social decorrentes da estereotipia, bem como os exercícios na contracorrente podem levar ao interconhecimento e respeito mútuo entre imigrantes de diferentes origens e autóctones.

Porque deu a conhecer as histórias, rostos, vozes e silêncios dos nossos participantes, esta pesquisa fez uma incursão nas sombras da vida social para onde são remetidos na maioria das vezes os imigrantes, desconhecedores com frequência dos

seus próprios direitos e valor.

Ao conhecer e dar a conhecer este saber feito experiências, a nossa investigação agiu no sentido de transformar, não apenas a auto percepção dos nossos colaboradores migrantes, mas também a forma de eles e elas participarem na vida social e cívica portuguesa. Com efeito, mesmo que apenas à escala do nosso projeto de três anos na cidade de Coimbra, pudemos com esta investigação concretizar essa utopia de produzir conhecimento sobre imigração com os imigrantes. Tal foi realizado aplicando um formato colaborativo de investigação que atinge na prática a justiça social e cognitiva almejadas pela teoria da ecologia dos saberes.

---

<sup>1</sup> Vários autores revisitaram a história desta implementação da experiência biográfica na formação de adultos. Ver, nomeadamente, Jorge Larossa, 1995; Elizeu Clementino de Souza, 2006; Marie-Christine Josso, 2010.

<sup>2</sup> Não nos referiremos aqui à história oral que também desenvolve trabalho com histórias de vida e narrativas biográficas.

<sup>3</sup> Atelier Biographique, Universidade de Paris 8, Junho de 2004.

<sup>4</sup> Curso Biografar: oficina de trabalho biográfico, CES, Julho de 2010, a convite da então coordenadora do Núcleo de Estudos Culturais, Adriana Bebian, juntamente com Clara Keating.

<sup>5</sup> A autora foi também convidada em 2012 e 2013 pelos colegas Pedro Pereira Leite e Lorena Sancho Querol para dirigir três oficinas nos cursos de formação "LEGITIMAR MEMÓRIAS LOCAIS: Entre Cartografias e Utopias", Museu do Trajo de São Brás de Alportel, CCArq-CES (Núcleo de Estudos sobre Cidades, Cultura e Arquitetura), em parceria com o MINOM Portugal (Movimento Internacional para uma Nova Museologia); e Lorena Sancho Querol em "LEGITIMAR MEMÓRIAS LOCAIS: cartografias hum(urb)anas na Madragoa", 1.ª e 2.ª edição de 2013, Museu das Comunicações e Bairro da Madragoa, CCArq-CES em parceria com o MINOM Portugal e com o Museu das Comunicações (Fundação Portuguesa das Comunicações).

<sup>6</sup> Esta questão já foi objeto de muitas reflexões por parte de antropólogos. Ver, nomeadamente, Peter Metcalf (2002), na obra "They lie, we lie: getting on with anthropology". E remete ainda para uma outra questão relacionada com o exercício de restituição do trabalho efetuado no terreno. A este propósito, ver o livro organizado por Caroline Brettell (1993), "When they read what we write: the politics of ethnography".

<sup>7</sup> Importámos o termo "ressonância" da psicopedagogia precetiva, proposta por Danis Bois (2006). No entanto, estendemo-lo ao trabalho com narrativas de vida sem mediação corporal na relação entre narrador e narratário. No primeiro caso, a relação é terapêutica e a ressonância traduz-se na verbalização da experiência imediata após tratamento corporal, no segundo, cada participante verbaliza a partir do depoimento do outro. Trata-se de um comentário à experiência do outro a partir da ressonância sensível que a escuta ofereceu.

<sup>8</sup> A comédia fílmica de Ruben Alves "A Gaiola Dourada" contribuiu para tal. Apesar de se basear nos estereótipos e clichés dominantes sobre a comunidade portuguesa em França, o filme desconstrói essas imagens pela comédia e ao longo da trama. Na história, afinal, a filha dorme com o namorado antes do casamento, a recompensa monetária do trabalho é apreciada, o sobrinho não gosta de futebol, o casal torna-se empresário e autónomo, a comadre francesa ajuda a mãe portuguesa a dar um salto emancipatório em relação à sua posição de subalterna na *loge* do prédio em Paris). Um conhecimento atualizado da segunda e terceira geração de portugueses em França demonstra também como estes ascenderam socialmente atingindo, nalguns casos, posições de relevo no mundo artístico, académico, político e empresarial francês.

## Referências

- Bertaux, D. (1976). *Histoires de vie ou récits de pratiques? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie*. Paris: Cordes.
- Bertaux, D. (2010). *Narrativas de vida. A pesquisa e seus métodos*. Tradução brasileira. São Paulo: Paulus, EDUFRRN.
- Bertaux, D. (Ed.) (1981). *Biography and Society: the life history approach in the social sciences*. Londres: Sage.
- Bois, D., & Rugira, J.-M. (2006). Relação com o corpo e narrativa de vida. In Elizeu Clementino de Souza (Org.), *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino* (pp. 31-46). Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS e EDUNEB.
- Bonilla, M. H. S., & Pretto, N. De L. (Orgs.) (2011). *Inclusão Digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA.
- Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en sciences sociales*, 62/63, 69-72.
- Bourdieu, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Seuil.
- Brettell, C. (1993). *When they read what we write: the politics of ethnography*. Westport, Connecticut and London: Bergin & Garvey.
- Catani, M., & Mazé, S. (1982). *Tante Suzanne, une histoire de vie sociale*. Paris: Méridiens.
- Chevalier, J. M., & Buckles, D. J. (2013). *Participatory Action Research, Theory and Methods for Engaged Inquiry*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Conde, I. (1993). Problemas e virtudes na defesa da biografia. *Sociologia Problemas e Práticas*, 13, 39-57.
- Delory-Momberger, C. (2003). *Biographie et Éducation. Figures de l'individu-projet*. Paris: Anthropos.
- Delory-Momberger, C. (2004). *Les Histoires de Vie: de l'invention de soi au projet de formation* (2<sup>e</sup> éd.) Paris: Anthropos.
- Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educ. Pesqui.* [tradução brasileira online]. Vol. 32, 2, 359-371.
- Delory-Momberger, C. (2009). *La Condition Biographique : essai sur le récit de soi dans la modernité avancée*. Paris: Téraèdre.
- Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. Illinois: Kappa Delta Pi (Traduzido para o português por Anísio Teixeira sob o título de "Experiência e Educação", Companhia Editora Nacional, 1971).
- Dominicé, P. (1982). La biographie éducative, instrument de Recherche pour l'éducation des adultes. *Education et Recherche*, 4, Berne Jahrang, 261-272.
- Dominicé, P. (1984). La biographie éducative : un itinéraire de recherche. *Education*

*Permanente*. Paris, 72/73.

- Dominicé, P. (1990). *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: PUF.
- Ferrarotti, F. (1981). On the autonomy of the biographical method. In D. Bertaux (Dir.) *Biography and society: the life history approach in the social sciences*. London/Beverly Hills: Sage Publications.
- Ferrarotti, F. (2005). *On the science of uncertainty. The biographical method in social research*. Oxford/New York: Lexington Books.
- Ferrarotti, F. (2013). Entretien avec Christine Delory-Momberger «Partager les savoirs, socialiser les pouvoirs». *Le Sujet dans la Cité*, 4.
- Finger, M. (1989). The biographical method in adult education research. *Studies in continuing education*, Vol. 11, 1, 33-42.
- Foucault, M. (1976). «Il faut défendre la société». *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1978-79). «Sécurité, territoire et population» e «Naissance de la biopolitique». *Cours au Collège de France*, Paris.
- Gaulejac, V. De (1992). *La névrose de classe. Trajectoire sociale et conflits d'identité*. Paris: Hommes et Groupes.
- Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, Vol. 14, 3, 575-599.
- Josso, M.-C. (1986). Une expérience formatrice: l'approche biographique des processus de formation de connaissance et d'apprentissage. *Cahiers des sciences de l'éducation*. Genève, Université de Genève, 44.
- Josso, M.-C. (1991). *Cheminer vers soi*. Genève: L'Age d'Homme.
- Josso, M.-C. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: EDUCA.
- Josso, M.-C. (2010). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Paulus/EDUFRN.
- Larossa, J., Pérez De Lara Ferne, N., Arnaus, R., Ferner, V., Connelly, F. M., Clandinin, J., & Greene, M. (1995). *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes.
- Lechner, E. (2009a). Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributos para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 85, 43-64.
- Lechner, E. (2009b). Diálogos de vida: a abordagem biográfica no estudo da migração. in Elsa Lechner (Org.) (2009), *Histórias de vida: olhares interdisciplinares* (pp. 91-104). Porto: Afrontamento.
- Lechner, E. (2012). Oficinas de trabalho biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. *Revista Educação e Realidade*, 37(1), 71-85.
- Lejeune, P. (1996) [1975]. *Le pacte autobiographique. Nouvelle édition augmentée*. Paris: Seuil.

- Metcalf, P. (2002). *They lie, we lie: getting on with anthropology*. London and New York: Routledge.
- Nóvoa, A., & Finger, M. (Org.) (1988). *O método autobiográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da saúde DRHS.
- O'Neill, B. (2009). Histórias de vida em antropologia: estilos e visões, do etnográfico ao hipermoderno. in Elsa Lechner (Org.), *Histórias de vida: olhares interdisciplinares* (pp. 109-122). Porto: Afrontamento.
- Pineau, G. (1983). *Produire sa vie: autoformation et autobiographie*. Montréal, Paris: Edilig (en coll. avec Marie-Michèle).
- Pineau, G. (2006). As histórias de vida como artes formadoras da existência. in Elizeu Souza & Maria Helena Abrahão (Orgs.). *Tempos, Narrativas e Ficções: A Invenção de Si*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Pineau, G. (Coord.) (1989). *Histoires de vie* (avec Guy Jobert – t.1 e t.2). Paris: L'Harmattan.
- Ricoeur, P. (1983). *Temps et récit. Tome I: L'intrigue et le récit historique*. Paris: Le Seuil.
- Santos, B. S. (1995). *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.
- Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.
- Santos, B. S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro, 03-46.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (Orgs.) (2009). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina.
- Souza, E. C. (2006). *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. São Paulo: Lamparina.
- Thomas, W., & Znaniecki, F. (1984 [1918-1920]). *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana: University of Illinois Press (edited & abridged by Eli Zaretsky).